

Os Níveis da Consciência

Introdução

A consciência tem sido representada na cosmologia de algumas tradições¹ como a responsável por desencadear a criação do universo onde, através de sua atuação, a matriz indiferenciada que contém toda a potencialidade de expressão pode assumir infinitas formas. Esta matriz pode ser compreendida como a matéria prima a partir da qual é criado tudo o que se manifesta, uma vez que ela apresenta como atributo, a capacidade de adaptar-se a qualquer forma possível de existência.

Da mesma forma que existem vários termos diferentes usados para o aspecto universal da consciência nas diferentes tradições, essa matéria prima (ou matriz primordial) sobre a qual a consciência atua também foi discutida sob vários aspectos².

O que comumente é chamado de realidade também é apenas um dos aspectos, ou uma das dimensões possíveis de uma totalidade una e indivisível que pode ser denominada de ser. É desta totalidade que emanam esses dois elementos: a matriz primordial e a consciência que a diferencia e organiza nas diversas dimensões em que ela se manifesta. Dessa forma, é possível definir uma tríade composta pelo Ser, Matéria-Prima e Consciência, comum à maioria das tradições, que a tem desenvolvido ao longo do tempo de acordo com as circunstâncias culturais de cada época³.

No entanto, essas dimensões podem ser também discutidas em termos pessoais. Por exemplo, como a consciência universal se organiza em cada ser humano em particular? E nesse ponto torna-se fundamental compreender que as perspectivas universais e pessoais da consciência não são exatamente excludentes. Porém, considerar que a consciência universal permeia cada ser individualizado, e ao mesmo tempo, considerar que cada indivíduo justifica e atualiza essa consciência universal implica em uma mudança fundamental de paradigma e não é algo muito simples.

As definições mais básicas de consciência sugerem que ela consiste numa capacidade de estar ciente de si mesmo e do que está ao seu redor. Assim, antes mesmo de se iniciar qualquer discussão sobre consciência, deve ficar claro o que está sendo considerado como o eu, a realidade, e qual é o limite que existe (se é que há um limite) em termos do

¹ Essa ideia está presente em conceitos tais como o *Logos* e *Nous* da filosofia grega, *Aql* dos místicos Sufis ou o Verbo da tradição Cristã. Alguns destes termos podem ser traduzidos inclusive como Razão, Inteligência, Inteligência Primordial e Consciência.

² Esse conceito foi apresentado pelas escolas como sendo o *Hylé* grego, a *Substancia* de Descartes e Spinoza ou *Al-haba* de alguns teólogos, filósofos e místicos Islâmicos. Como dissemos, não se trata de considerar tais conceitos como sinônimos, mas de nos aproximarmos da ideia que tentamos apresentar por trás dos conceitos de matéria-prima ou matriz primordial, como o substrato de toda a criação.

i) *Hylé* é o termo que descreve a matéria em grego. Muitos filósofos gregos, pré e pós-socráticos discutiram a matéria primordial responsável pela criação do universo. Ver os conceitos de matéria e forma (*Hylomorfismo*) na tradição platônica no *Timeo* de Platão, *Causa Material* em Aristóteles ou *Apeíron* em Anaximandro de Mileto entre outros.

ii) Referente a *Substancia* ver Descartes. *Princípios da Filosofia*. Baruch Spinoza *Ética*.

iii) *Al haba*, que pode ser traduzida como nuvem ou névoa, e é um termo usado para descrever o elemento passivo criado para ser a base de toda criação, por isso associado também a matéria universal, *Al-hayula*, que alguns autores dizem ser uma forma transcrita do *Hylé* grego. Ver Al-Qunawi. *Reflections of the awakened* (Mirat l'arifin). Zahra Trust.

³ Como exemplos das denominações que surgiram ao longo da história das culturas, podem ser citados o Uno, Nous e Alma de Plotino; Brahma, Vishnu e Shiva no Hinduísmo; Pai, Filho e Espírito Santo no Cristianismo, entre outros.

“estar ciente” dessas duas coisas. A partir dessas considerações será possível perceber porque as perspectivas universais e pessoais da consciência não podem ser consideradas como sendo excludentes, e que no fundo, nem mesmo existem *duas* dimensões.

Em primeiro lugar, como dito acima, é possível partir do pressuposto que a consciência e o ser são realidades que independem do veículo no qual habitam; ou seja, é como considerar a cor em si e não o objeto onde a cor se manifesta. Nesse sentido, ambos podem ser considerados como não individualizados e indicam realidades universais e não pessoais. No entanto, quando ambos se individualizam em uma forma particular de existência, o ser paulatinamente perde o contato com as capacidades absolutas de consciência que ele possui, ao mesmo tempo em que perde contato com sua dimensão universal. Porém, essa mudança é fundamental para o desenvolvimento porque sem isso, não haveria a possibilidade do surgimento da consciência de si mesmo. Esse processo é reconhecido por várias linhas da psicologia que consideram que, no início da vida, o recém nascido é incapaz de perceber a separação entre ele mesmo e seus pais ou seu ambiente mais imediato⁴.

Assim, o ser pode ser compreendido como uma totalidade una e indivisível que assume contornos particulares e se manifesta na criação através de aspectos diferenciados e individualizados, conferindo (e assumindo) formas específicas à matriz universal. Disso nasce a possibilidade da consciência universal particularizar-se e reconhecer-se através dos olhos dessa individualidade. E da mesma forma, essa individualidade, além de contemplar a si mesma e estar ciente de si, olha agora para a realidade e se torna ciente dela. Porém se essa individualidade que particulariza o ser e a consciência for capaz de abarcar aspectos cada vez mais universais de si mesma e da realidade, ela poderá finalmente, desempenhar o papel que lhe cabe e cumprir o objetivo para o qual foi gerada. Se a consciência de si e da realidade forem desenvolvidas até seu limite último, o ser individualizado torna-se um reflexo perfeito do ser universal.

Ou seja, ambos – consciência e ser – são sempre unos e universais. No entanto, existe uma responsabilidade de cada ser individualizado em revelar essas dimensões universais a partir de si mesmo e, talvez, esse possa ser considerado o núcleo da ideia do livre-arbítrio, pois é nesse ponto que nasce a escolha pessoal por recuperar essas dimensões, que é feita a cada momento.

Os Níveis da Consciência

No modelo abaixo, a consciência é representada como um ovo dividido em vários níveis no sentido horizontal.

No centro do ovo está representada uma linha ondulada que corresponde à *consciência de vigília* que basicamente, abrange a própria sensação que cada um possui de existir como uma individualidade, com seus comportamentos e visões de mundo particulares, incluindo nisso as tendências emocionais, físicas e mentais. Ela abrange também a capacidade que cada pessoa tem de estar ciente da realidade ao seu redor, perceber os eventos, relações e responder de acordo.

Porém, esse nível de consciência corresponde ao que no Quarto Caminho é chamado de estado de “adormecimento” ou seja, um estado parecido ao da inconsciência do sono. Consiste numa forma de consciência ainda muito rudimentar onde as capacidades de

⁴ O desenvolvimento da consciência em termos pessoais foi discutido de forma mais detalhada no texto sobre Presença. Disponível em http://www.imagomundi.com.br/quarto_caminho/presenca.pdf

percepção, atenção e observação são pouco sofisticadas, e como consequência, os processos de distração e fantasia são comuns. Além disso, esse nível é caracterizado pela mecanicidade em termos de reações e comportamentos, onde os pensamentos e emoções são considerados como sendo meras respostas reflexas às situações externas. Assim, a consciência que se tem de si mesmo e da realidade nesse nível, torna-se muito limitada – ela permanece obscurecida por esses padrões de devaneio e de percepção e respostas mecânicas.

Infelizmente, em muitos casos, a *consciência de vigília* consiste na totalidade da consciência que um ser humano médio expressa em sua rotina. Porém, no modelo, isso corresponde apenas a uma linha que delimita o primeiro nível inferior (*dia a dia*) e o primeiro superior (*eu degenerado*). Como o diagrama mostra, ao longo dos eventos, a *consciência de vigília* ondula por esses dois primeiros níveis.

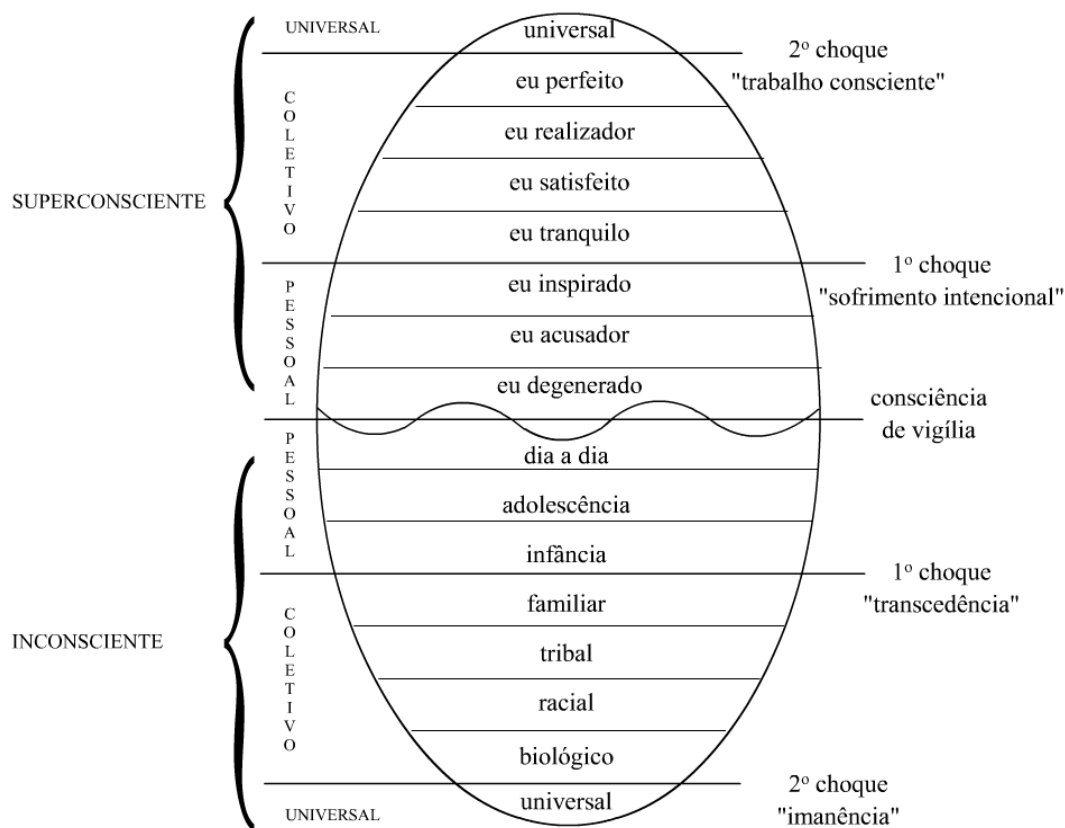


Figura 1. O modelo da consciência

Os níveis do superconsciente

As faixas superiores consistem no que é chamado de *níveis do superconsciente*⁵, referindo-se a níveis que partem da *consciência de vigília* e seguem em direção a outros níveis. Cada estágio corresponde a uma faixa do modelo sendo que, a cada estágio

⁵ Esses níveis têm relação com a concepção da tradição sufi dos estágios de desenvolvimento do eu (*nafs*) através de sete etapas. A palavra *Nafs* é o termo em árabe para a palavra eu, e também costuma ser traduzido como ser (*self*) ou alma. A discussão sobre os *nafs*, do ponto de vista sufi, está publicada em <http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/nafs.pdf>.

alcançado, é possível, paulatinamente, resgatar e desenvolver aspectos mais universais da consciência.

O primeiro nível é chamado de *eu degenerado* e basicamente, consiste no estado de identificação com o ego e personalidade. Nesse nível a consciência abarca apenas a porção da realidade que é valorizada pelo ego, ou seja, a pessoa está ciente apenas dos valores, desejos e visões de mundo que nascem dele. A própria sensação de ser ou individualidade está associada a uma representação que é originária da personalidade. Como a capacidade de atenção é pobremente exercida, a percepção e a relação com a realidade interna e externa ficam restritas aos filtros que o ego impõe. Como dito acima, esse primeiro nível caracteriza a *consciência de vigília*, e na maioria das vezes, consiste na totalidade da consciência que é desenvolvida ao longo da maturidade.

O segundo nível corresponde ao do *eu acusador*. A partir de algumas experiências centrais, pode surgir a possibilidade de se perceber outros aspectos em si mesmo e na realidade que extrapolam os valores do ego. Esses estados geram uma nova referência que deve agora ser buscada, aprofundada e mantida. Esse nível é chamado de *acusador* porque a pessoa volta-se para si mesma e é capaz de perceber de forma clara, e muitas vezes dolorosa, seus limites, seu sono e mecanicidade. A cada vez que a pessoa percebe a si mesma presa em seus limites e valores restritivos, surgem a reprovação e a acusação. É uma fase mais introspectiva onde a pessoa reflete sobre si mesma e procura observar suas atitudes, sentimentos e reações.

O terceiro nível é chamado de *eu inspirado*, no qual já existe uma referência um pouco mais clara em termos de uma nova sensação de ser, referência essa que permite um contraste com o ego e seus valores limitados. Disso surgem estados mais profundos, caracterizados por um tipo de plenitude, liberdade e contentamento, como se um mundo novo começasse a se abrir. O desapego parcial em relação aos aspectos restritivos ou impositivos do ego tem como consequência a diminuição do sofrimento e ansiedade, e por isso, esse nível é chamado de *inspirado*. A pessoa consegue ser mais criativa em seu dia a dia, ou seja, dá-se início ao desenvolvimento de uma atitude menos mecânica e condicionada, tanto de perceber as coisas quanto de se relacionar com elas e consigo mesmo. As atitudes mais harmônicas e perspectivas mais abrangentes surgem como decorrência dessa aquisição de liberdade dos hábitos e dos condicionamentos que são característicos da identificação estrita com o ego.

Se houver um esforço direcionado (representado na Figura 1 pelo *primeiro choque*, descrito a seguir) o indivíduo poderá então desenvolver os níveis que são chamados de *coletivos*. Assim, será possível expandir sua consciência dos limites estritamente *pessoais*, que são determinados especialmente pela identificação com o ego, em direção aos níveis *universais*.

Primeiramente, é preciso compreender a ideia por trás da palavra *choque*, um termo bastante utilizado pelo Quarto Caminho. Essa ideia surge nos estudos que Gurdjieff apresentou associados à Lei das Oitavas (ou Lei de Sete)⁶. Essa Lei sugere que todo o processo apresenta um desenvolvimento onde, em determinados pontos, é necessário colocar-se uma energia extra para que efetivamente, o processo chegue ao seu objetivo final sem perda de qualidade. Essa energia deve ser conscientemente colocada no momento certo e com a intensidade e qualidade necessárias. Por isso, conhecer a Lei das Oitavas é de grande utilidade, uma vez que auxilia a pessoa a perceber o momento correto do choque e qual é o tipo de energia requerida para aquele momento.

⁶ Um resumo está disponível em http://www.imagomundi.com.br/quarto_caminho/eneagrama_leis.pdf.

Dentro do modelo, o *primeiro choque do superconsciente* consiste, no que é chamado dentro do Trabalho, de *sofrimento intencional* onde é esperado que o indivíduo seja capaz de escolher, conscientemente, sacrificar seu estado de adormecimento e manter o estado desperto em detrimento do conforto e da primazia do ego.

Esse é um ponto muito delicado – pois apenas saber como se colocar em um nível superior de consciência não implica em que se seja capaz de manter esse estado de forma mais constante. O estado de sono é um estado confortável, onde tudo acontece de forma mecânica e onde é requerido um mínimo de esforço. Sair desse estado implica em um treinamento prévio, onde certas capacidades são adquiridas, mas, manter-se nesse estado implica em uma escolha e opção que são feitas ao longo do dia a dia em detrimento do conforto do sono.

Assim essa passagem do 3º para o 4º nível implica em uma mudança profunda em termos de nível de ser e, vencido esse ponto, a pessoa em questão apresenta agora um novo grau de liberdade. Abre-se, no nível seguinte (o 4º nível), uma nova perspectiva do que é a consciência, e como dito acima, em uma correspondência direta, abre-se também uma nova perspectiva do que é o ser. Os níveis seguintes transcendem o nível *peçoal* dos valores egóicos e apresentam agora uma dimensão que é chamada de *coletiva*. A própria individualidade começa a ser percebida como fazendo parte de um todo maior. A separação entre o que cada um sente ser e o ser em si começa a diminuir, dando início a uma nova etapa do processo que culminará com o nível *universal* da consciência.

O quarto nível é chamado de *eu tranquilo* e, nesse nível, um estado mais pleno de ser e viver se torna mais permanente. Esse estado é caracterizado por uma *tranqüilidade* que surge em contemplar os novos propósitos e objetivos que a vida apresenta. Vive-se mais dentro do momento presente e a sensação de ser está mais centrada ao redor de uma identidade nuclear que aos poucos, começa a se desenvolver. Os valores do ego já deixaram de ser a única referência e o ser agora se expande em direção àquilo que, de fato, é sua natureza mais essencial. Assim, frente à libertação das necessidades e solicitações do ego, a *tranqüilidade* desse nível pode se ampliar e se estabelecer de forma mais permanente. Esse nível inaugura uma capacidade de enxergar a própria vida e a realidade a partir de uma perspectiva mais abrangente e não mais exclusivamente pessoal, por isso é dito ser o primeiro nível de uma base mais *coletiva* da consciência.

O quinto nível é chamado de *eu satisfeito* onde o indivíduo é capaz de estabelecer uma relação mais direta e constante com uma totalidade da qual ele faz parte. Ele já não mais se sente isolado de um contexto maior, mas a própria vida representa para ele uma experiência constante de contato com essa dimensão mais abrangente. Surge uma nova forma de compreensão, onde o indivíduo se sente *satisfeito*, pois ele compreende a realidade e a si mesmo a partir de novos parâmetros e está livre das visões limitadas que antes caracterizavam seu modo de ser. Sua consciência, nesse nível, apresenta a condição de abarcar porções mais abrangentes da realidade e como consequência disso, o próprio ser percebe a si mesmo num estado mais equilibrado e em harmonia com a realidade. Ele conquistou a habilidade de aprender diretamente da realidade, percebendo que, seja o que for que lhe aconteça, a função principal embutida sempre é a da busca pelo aperfeiçoamento. Assim, ele sente que a realidade não tem que estar de acordo com seus julgamentos ou demandas que antes eram impostos anteriormente pelo ego, mas que ela lhe oferece oportunidades constantes para expandir ainda mais sua compreensão do mundo e de si.

O sexto nível equivale ao *eu realizador* onde o indivíduo é capaz de perceber as necessidades do momento e atuar de acordo. Apenas nesse estágio é que o indivíduo é realmente capaz de “fazer” pois ele está livre de sua condição mecânica anterior, onde tudo lhe “acontecia” de forma condicionada, e ele atuava de forma quase inconsciente. Esse nível pode ser relacionado com a ideia do “pai do momento”, que indica aqueles que estão libertos de seus condicionamentos e atuam verdadeiramente dentro do momento presente.

O sétimo nível equivale ao *eu perfeito* onde o indivíduo pode atuar como um espelho no qual a criação se manifesta. Sua consciência e, portanto seu ser, está estabelecido dentro de um novo patamar ainda mais amplo e permanente. Nesse ponto existe um mergulho em direção a um novo estado de ser, que reconhece a si mesmo como fazendo parte de uma universalidade que o justifica e ao mesmo tempo, é por ele justificada.

O segundo *choque* surge na passagem do 7º para o 8º nível e é chamado de *trabalho consciente*. Esse conceito também faz parte da tradição do Quarto Caminho e indica um trabalho que é feito sem que se espere dele nenhum tipo de pagamento ou retribuição. Ele é feito visando um bem maior, que se localiza fora do tempo e espaço, e que não implica em nenhum tipo de satisfação pessoal, mas é feito como resultado de uma compreensão mais profunda do que é a própria existência e qual o papel das coisas e de si. É apenas nesse nível que se torna possível falar numa atitude de serviço, onde as necessidades do momento são supridas em harmonia com a concepção que antecedeu a própria criação.

O oitavo nível corresponde ao *eu universal* onde não há mais separação entre as dimensões pessoais e universais da consciência. O ser se torna um reflexo do ser universal e a partir dele, a consciência, como uma realidade indivisível e una, possui um veículo perfeito de expressão e desenvolvimento.

Porém, o modelo dos Níveis da Consciência não se limita a esses aspectos. Cada um dos oito *níveis do superconsciente* corresponde a um dos *níveis do inconsciente* de tal forma que, ao desenvolver-se o nível superior, de forma concomitante, abre-se a possibilidade e a necessidade de desenvolver-se também o nível inferior. Assim, quando o 8º nível superior for desenvolvido, isso implicará em que seja desenvolvido também o 8º inferior e nesse ponto, o ser em questão terá atingido o grau de desenvolvimento e perfeição que lhe cabe. Nele se cumpre o objetivo maior da criação.

Os níveis do inconsciente

No outro lado do modelo, como em um reflexo invertido, as faixas inferiores à linha central da *consciência de vigília* consistem no que é chamado de *níveis do inconsciente*. Esses níveis, basicamente, se referem a um conjunto muito peculiar de “memórias” que vão desde um nível mais pessoal, até um nível mais coletivo e finalmente, extrapolam esses níveis ao se referir às experiências de ordem mais universal. Porém, essas memórias não devem ser compreendidas apenas como lembranças de eventos, mas como estados que estão contidos dentro da própria experiência acumulada pelo ser em seu desenvolvimento evolutivo. O acesso a esses níveis conduz às dimensões que antecedem a história pessoal e se fundem à própria história da criação. Esses eventos fazem parte da herança de cada ser – assim, a busca por resgata-los e conscientizar-se deles traz a possibilidade de incorporar essa herança na própria estrutura do ser. Portanto, uma das funções desse trabalho é de tornar disponíveis essas memórias ou estados que do contrário, permaneceriam inacessíveis - ao serem recordados e

experimentados voluntariamente, eles podem ser conscientemente reincorporados às estruturas do ser.

Da mesma forma que acontece com a parte superior desse ovo, a primeira faixa inferior corresponde à *consciência de vigília* e a última é também chamada de *universal*.

O primeiro nível do inconsciente é chamado de consciência do *dia a dia*. Esse nível corresponde a um reflexo especular do *eu degenerado*. Se o *eu degenerado* refere-se à consciência que se exerce ao longo das rotinas diárias, esse primeiro *nível do inconsciente* corresponde àquilo que é guardado, em termos de memórias, do que foi vivido ao longo dessas rotinas. É importante perceber que, como o primeiro *nível do superconsciente* corresponde a um estado de quase adormecimento, essas memórias serão profundamente afetadas pela baixa qualidade desse estado. Tudo o que for vivido de forma adormecida permanecerá muitas vezes submerso no inconsciente e nem sempre será possível ter acesso a isso. Além disso, as impressões armazenadas muitas vezes apresentam certas distorções que nascem da própria distorção perceptiva. Ou seja, as concepções que se tem do dia a dia, de si mesmo ou da realidade ao redor acabam tendo vieses que são frutos dos próprios vieses com os quais se interage com a realidade de tal forma que, no final, a visão que se tem da vida acaba sendo parcial ou por demais limitada aos pontos de vista de cada um.

Da mesma forma que foi colocado sobre o *eu degenerado*, o nível do *dia a dia* refere-se ao que há de mais basal em termos da consciência. E ambos correspondem à *consciência de vigília*, ou seja, correspondem à totalidade da consciência que geralmente é desenvolvida.

O segundo nível corresponde ao da *adolescência*. Esse nível abrange a memória pessoal dos eventos que marcaram a adolescência, por exemplo, namorado(a)s, festas, escola, amigo(a)s, relação com os pais, viagens, entre outros. Porém, ele não contém apenas as descrições dos eventos, ou seja, não se restringe à história dessas experiências, algo que pode ser descrito com uma seqüência específica de palavras. Mas contém também o próprio estado de ser adolescente – o vigor físico, as perguntas e dúvidas que acompanham a consolidação do caráter e dos traços principais do adulto, a intensidade emocional, o desejo por novas experiências e descobertas, e assim por diante. Ao se resgatar esse nível a pessoa resgata não só as lembranças, mas de forma associada, ela resgata o próprio estado de ser um jovem, e com isso abre-se a possibilidade de dela reconstruir uma nova experiência acerca desse estado. Assim, nessa fase, os elementos pessoais podem ser complementados por elementos mais gerais. Por exemplo, mesmo que a biografia da pessoa tenha-a conduzido a ser um jovem que passou por determinados tipos de experiências específicas, é sugerido que essa pessoa resgate essas experiências, e que, além disso, as extrapole e complete com novos elementos. É uma chance de reviver os estados da juventude agora com a consciência de uma pessoa madura que voluntariamente, resgata e reconstrói sua história e recordações. Esse nível tem relação com o *eu acusador* (2º nível do *superconsciente*) na medida em que, permite, através da recuperação das qualidades da adolescência, que se recupere e reavalie também, o processo de consolidação do ego que caracteriza o adulto.

Da mesma forma que descrito para o nível anterior, o nível da *infância* prevê que sejam resgatadas as memórias da história pessoal da infância de cada um, mas também o que caracteriza essencialmente o ser criança. Nessa fase o adulto recorda de como é ser criança – ter o corpo pequeno e flexível, a curiosidade e abertura para tudo o que acontece ao redor, a sensação de que tudo é novo e interessante, o pensamento mais simples e diretamente associado com o momento, as emoções mais leves, e assim por

diante. A correspondência com o *eu inspirado* (3º nível do *superconsciente*) consiste em oferecer uma oportunidade de se sentir menos preso e identificado com os valores do ego, mais criativo em relação à realidade e a si mesmo.

A passagem do 3º para o 4ª nível também implica em um *choque* que corresponde à “*transcendência*” simbolizada pela experiência ainda pré-uterina. Esse momento tem como qualidade fundamental o resgate da experiência de ser uma identidade desassociada de um corpo e de uma história pessoal, livre dos valores do ego e das fantasias geradas sobre a própria identidade. É como se nesse ponto, a consciência fosse a única realidade que revestisse o ser, que apenas mais tarde irá conformar-se num corpo e numa individualidade manifesta. Nesse ponto existe a possibilidade de se reconhecer que o ser antecede o surgimento da individualidade *pessoal* que cada um expressa. Essa passagem é relacionada com o ditado sufi que diz “morra antes de morrer” e sinaliza uma transformação profunda, onde a pessoa “morre” para sua identidade baseada nos valores do ego.

Esta é uma experiência fundamental, pois é a partir desse ponto que é possível dar-se início ao nível *coletivo* do inconsciente. Ela relaciona-se com o *primeiro choque do superconsciente* (o *sofrimento intencional*), pois aqui, o que se solicita, é que o praticante sacrifique sua identificação com a ilusão de ser uma individualidade presa a um conjunto de conteúdos determinados por sua história. Nesse ponto pode surgir uma percepção intensa e pungente da perfeição que o ser anseia atingir. Essa perfeição intuída, no entanto, permanece dolorosamente oculta, não por ser essa a sua natureza, mas porque o ser em questão ainda não é capaz de realiza-la inteiramente.

Portanto, ao conjunto de experiências que cada um teve no início de sua vida são paulatinamente associadas novas experiências em cada um dos três primeiros níveis. A noção que cada um tem de si mesmo está profundamente associada com esses conteúdos do inconsciente que foram moldados pela própria biografia. Ao ampliar essa sensação, é possível libertar-se das amarras inconscientemente geradas e mantidas, e expandir-se em direção a novos níveis de ser.

No entanto, após ter-se libertado de aspectos mais limitadores e restritivos, que podem até mesmo ter se originado em traumas ou experiências muito difíceis, o indivíduo deve continuar o processo. E para isso é necessário expandir esse nível da individualidade restrita a um eu que tem uma história pregressa específica, e mergulhar numa nova perspectiva dessa individualidade. Essa nova sensação de ser será fruto não apenas da história *pessoal* vivida até a idade madura, mas também de outras forças e experiências *coletivas* acumuladas pelo ser em seu desenvolvimento.

O quarto nível corresponde ao *familiar*. Nesse nível são revividos os elementos familiares – inicia-se com as memórias relacionadas aos eventos da própria família, mas também se recupera aquilo que está por trás do conceito de família em si. Assim, o indivíduo deve sentir seus laços de sangue, seu próprio código genético como sendo resultado de uma linhagem específica que lhe confere qualidades e traços característicos e únicos. Ao mesmo tempo ele deve ser capaz de viver as relações familiares dentro de outros parâmetros, onde agora os antepassados simbolizam forças e energias que devem ser recuperadas e assumidas como sendo uma herança preciosa de cada indivíduo em particular. Esse nível permite uma re-elaboração da visão que se tem ordinariamente dos relacionamentos familiares, que podem ter sido tingidos por conflitos ou outros aspectos dolorosos. Esses aspectos devem ser recuperados, mas deve-se também resgatar o que não foi possível vivenciar na história comum de cada um e que muitas vezes representa a chave para libertar-se de limites e preconceitos estabelecidos pela superficialidade

com que se consideram geralmente, as relações familiares. Nesse nível deve surgir uma visão clara de que a individualidade nasce dessas forças arquetípicas *coletivas* que estão contidas também, nos laços familiares, e que assumem um caráter único e precioso que consiste na história familiar. Ou seja, a individualidade é moldada de forma muito específica e única a partir desses conteúdos *coletivos* em algo que é *pessoal* e vivenciar profundamente esses aspectos mais abrangentes é fundamental para o desenvolvimento da consciência. Surge a possibilidade, a partir desse trabalho, de se fazer uma amálgama entre esses dois aspectos que liberta o indivíduo de suas restrições. Esse nível tem relação com o *eu tranquilo* (4º nível do superconsciente) justamente porque abre a consciência para uma perspectiva mais abrangente de si mesmo, onde são explicitadas as relações com o primeiro nível das fontes *coletivas*, a partir das quais, os traços *pessoais* foram plasmados.

O quinto nível corresponde ao *tribal*. Esse nível expande as fontes *coletivas* do grupo *familiar* para o grupo *tribal*, dentro do qual são compartilhados traços e características culturais, morais e sociais. Aqui se encontram os valores tradicionais de costumes, de gênero, os ritos e rituais religiosos e de interação, que criam uma amálgama onde as pessoas se sentem pertencendo a um ou vários grupos, que podem ser mais ou menos específicos⁷. Nesse nível estão também guardadas as memórias e vivências de um nível de ser ainda mais primitivo, associado ao nomadismo, à coleta e caça de alimentos e às rodas de dança ao redor da fogueira. Nessas rodas, onde as histórias das bravuras e aventuras eram contadas, eram resgatados os laços entre os membros da tribo que se alimentavam, não só do que havia sido caçado ou coletado, mas dos mitos e da coragem de seus componentes. Corresponde a um nível de ser intuitivo-instintivo, que se guiava pelos traços da natureza e era capaz de ler nas manifestações da terra, do céu, ou dos animais, os sinais que lhe eram necessários para viver e atuar de forma harmônica. Resgatar esse nível de consciência significa resgatar a força e a energia desse nível de ser, sua conexão com os elementos da natureza, sua audácia, força física, capacidade de atenção e de viver no momento presente. Esse nível resgata essas forças adormecidas em cada um, que estão contidas dentro das memórias mais primitivas e do próprio código genético. Resgata-las significa resgatar esse tipo de relação intensa e visceral com a realidade e consigo mesmo e seus semelhantes. A realidade agora é a própria terra e seus elementos que possuem, eles também, uma história que complementa a história de cada ser existente, e que o alimenta e lhe indica o caminho em direção a uma vida em sintonia com esse meio. A relação com o *eu satisfeito* (5º nível do superconsciente) se dá na medida em que nesses dois níveis, é possível reconhecer que a vida pode ser vivida intensamente e em harmonia e que, ao redor, existem sinais sutis e importantes que são suficientes para direcionar cada pessoa a se desenvolver, de uma forma plena, dentro do meio onde ela vive.

O sexto nível equivale ao *racial*. Nesse nível um passo a mais é dado em termos de um mergulho nas forças do inconsciente onde estão contidos os contornos da própria raça humana. Nesse ponto resgata-se o homem ereto, nascido da terra, contendo o espírito divino soprado em suas narinas, o surgimento de uma forma nova, essencialmente humana, de sentir a si mesmo e o que está ao seu redor. Nesse nível, a consciência pode abarcar o todo de sua raça, e antever seus avanços, desenvolvimentos, sua liberdade, o livre arbítrio e o potencial em despertar. Esses elementos estão contidos dentro desse nível, e se aproximam da própria ideia inicial do ser humano – um ser que nasceu da

⁷ Por exemplo, na sociedade pós-moderna os valores tribais podem ser transferidos de uma estrutura tradicional para outra não tradicional, como as chamadas ‘tribos urbanas’: *punks, freaks, rastas, gls, playboys* e patricinhas, *hip-hop, yupis, sarados, emos, nerds*, etc.

terra e ao mesmo tempo, contem em si uma dimensão que transcende a matéria, e ao qual foi concedida a liberdade. Resgatar o nível *racial* do inconsciente corresponde a resgatar essa concepção perfeita, o primeiro esboço a partir do qual a raça humana foi projetada. Ele tem relação direta com o *eu realizador* (6º nível do inconsciente), pois nesse nível realiza-se a concepção do homem: um ser que, por ser ambíguo, é potencialmente livre.

O sétimo nível corresponde ao nível *biológico*. Nesse ponto resgata-se um nível de ser ainda mais abrangente que corresponde a tudo o que está vivo, ou seja, resgata-se a vida em si, como um atributo indiferenciado que a tudo abrange. A vida nesse ponto é vivenciada como sendo um atributo básico e, portanto unificador de tudo o que existe. Nesse nível não existe mais nenhum tipo de atributo que possa ser aplicado a qualquer individualidade que a diferencie da outra. Nesse nível tudo participa de uma mesma dimensão na qual o ser se manifesta. Mergulhar nesse nível equivale a mergulhar nas estruturas mais íntimas que permitem a vida a se realizar: é um nível quase molecular, infinitamente pequeno e que, no entanto, está presente na totalidade de tudo o que existe. Nesse ponto cada átomo está unido a essa totalidade, e contém em si mesmo, a totalidade que ele expressa. Corresponde a um reflexo do *eu perfeito* (7º nível do *superconsciente*), na medida em que, consiste na mesma perfeição, sendo que esta agora está perfeitamente manifestada em todos os pontos do horizonte - é disso que, o ser em questão, está ciente.

A passagem do sétimo para o oitavo nível equivale a um *segundo choque* que corresponde ao atributo da “*imanência*”. Esse choque surge no momento em que se mergulha profundamente dentro das particularidades do nível anterior e voluntariamente, opta-se por considerar agora a existência em si como sendo o ponto focal de toda a criação. Nesse ponto percebe-se que o conceito do Bem⁸, como sendo o atributo básico a partir do qual a realidade emana, está presente em todas as manifestações e justifica sua existência. Cada ser é sua própria razão de ser e a justificativa de sua própria existência. Relaciona-se com o “*trabalho intencional*” (2º *choque do superconsciente*) uma vez que, considera que todo o elemento criado é a manifestação do transbordamento do Bem, que escolheu e determinou a multiplicidade da criação como uma regra, e é dentro dela, que ele subsiste e se expressa.

Finalmente, o oitavo nível corresponde ao nível *universal*, onde as particularidades são justificadas pela unidade – nesse nível o ser está ciente de que, em cada ponto da criação está presente o todo, e a expressão do ser nesse nível, passa a ser reflexo dessa consciência.

Considerações Finais

Esse ovo que representa os Níveis da Consciência deve ser entendido não como um modelo bidimensional, mas como uma estrutura em três dimensões, que representa o próprio ser, onde cada nível desenvolvido de consciência equivale a um nível desenvolvido de ser. A totalidade do desenvolvimento possível a ambos – ser e

⁸ O conceito do Bem surge na tradição Hermética (relacionada a Hermes Trimegistus), que se situa na convergência entre a filosofia grega e a tradição egípcia e existem várias controvérsias sobre sua origem. Parece ter havido vários autores cujos textos são atribuídos a Hermes, entre eles, Ammonius Saccas, o professor egípcio de Plotino que, junto com outros filósofos, produziram alguns dos materiais relacionados a esta tradição. O Bem pode ser compreendido como um atributo criativo, que teria dado origem à criação em si – para essa tradição, os universos são resultado do transbordamento desse atributo. Ver G. R. S. Mead. Corpus Hermeticum em http://www.imagomundi.com.br/filo/corpus_hermeticum.pdf.

consciência – é potencialmente infinita, mas sempre estará dentro dos limites da escolha de cada um, e talvez até mais importante do que isso, será determinada pela necessidade intrínseca de cada pessoa por extrapolar seus limites.

É importante compreender que essa necessidade equivale à própria demanda que existe no sentido da individuação. Ou seja, ao mesmo tempo em que existe a necessidade imperiosa do ser em se individualizar, existe também essa necessidade em retornar à condição universal que é a condição real de sua própria natureza. E é do equilíbrio entre essas duas forças – a da individuação e a do retorno à condição universal - que a criação acontece e permanece existindo.

Por isso, esse modelo é composto por dois lados. O superior equivale ao impulso em realizar a unidade através de si. O inferior equivale ao mesmo impulso, porém essa totalidade é descoberta em um ponto infinitamente pequeno da criação, que vai do indivíduo em direção às estruturas moleculares e biológicas. Se o lado superior representa o “vir a ser” ou seja, a realização de todo o potencial que existe em cada ser criado, o lado inferior representa abraçar a totalidade de tudo aquilo que “está manifesto” ou seja, abarcar em si mesmo, a dimensão de tudo o que foi criado e existe. No centro do modelo, representado pela linha central da *consciência de vigília*, está o ponto máximo da separação em relação a essas duas dimensões que representam uma só totalidade.

Resgatar esses níveis equivale a tornar o ser consciente de seus potenciais. Nesse ponto, a individualidade resgata, a partir de si mesma, a universalidade. O indivíduo envolvido nesse processo não deixa de ser o que é, ou seja, os traços que o caracterizam não desaparecem, e nem devem desaparecer. Ao contrário, eles são justificados pelas dimensões universais e são aperfeiçoados através da sua busca por transcender seus limites ilusórios prévios.

Leituras complementares

- Essência e Personalidade: http://www.imagomundi.com.br/quarto_caminho/ess_pers.pdf
- Presença: http://www.imagomundi.com.br/quarto_caminho/presenca.pdf
- Auto Observação: http://www.imagomundi.com.br/quarto_caminho/auto_obs.pdf
- Lei das Oitavas: http://www.imagomundi.com.br/quarto_caminho/eneagrama_leis.pdf
- J. G. Bennett. O trabalho consciente e o sofrimento intencional: http://www.imagomundi.com.br/quarto_caminho/bennett_being.pdf
- Ken Wilber. Projeto Atman. Cultrix, 1999.

Autoria: <http://www.imagomundi.com.br>